

PAULA SCAMPARINI

## IDENTIDADE E COMUNIDADE

### CARREGADORAS DE ORUN, RESTAUROS E OCAS: OXALÁ!

*A pesquisa é movente. O corpo se transforma.  
Os dias são fluxo. E os tempos já outros*

Tomo este espaço para trazer a reflexão que me toca no presente, certamente desdobramento da discussão realizada em 2017, porém aqui revitalizada. Possível. Viva.

A partir da exposição da idéia de paisagem, ponto de partida da construção de meu pensamento como pesquisadora<sup>1</sup>, dedico-me a estender desde Restau-ros<sup>2</sup> processos que se relacionam com os termos-idéias-estados-modos de vida que venho pesquisando-experimentando nos últimos anos. Observo ecologias e ecossistemas humanos que me perpassam, como sujeito cultural sobretudo. Escolho que, para além de observáveis, estes são passíveis de invenção. São vastas as compreensões que empreendem cada um destes termos, então escolho tomá-los como idéias que encaminham o pensamento e a prática artística. Assim transito entre termos-idéias de maneira displicente; as manuseio.

Observar, tocar, acessar modos de vida – próprios e outros – tem sido o interesse principal de minha investigação filosófica e da prática artística que desenvolvo. As práticas, variadas em forma, remetem a tempos e experiências diversos – pessoais e coletivos, históricos ou contemporâneos - mas se centram nesta curiosidade, nesta fagulha que indica observar e tecer formas de estar no mundo que fogem à trivialidade imposta, assim como desafiam a olhar para os caracteres inerentes a este mesmo cotidiano vivido, à formação cultural que o desenhou e segue delineando seus contornos.

O processo de formação do pensamento em auto-paisagem<sup>3</sup> se embasou em estudos da construção das linguagens e no método de experientiação. Tratei de expor como paisagem, por ser construção cultural, apesar de formar nosso modo de ver o mundo, pode ser manuseada para que se dêem pensamentos e práticas que, no limite, a modifiquem em nós. Assim manuseio não apenas a idéia-paisagem mas o próprio ver-o-mundo. Crio mundividências próprias, e pretendo distribuir possibilidades de invenção de mundos.

Remontei no Museu Nacional Soares dos Reis, Oca-Oxalá<sup>4</sup>, uma instalação de piso a partir de azulejos partidos, antes ilustrados com imagens de represen-



Restauros, 2015-2017. Instalação azulejos em chacota, transfer, tijolos de restauração.  
Vista de exposição. Museu Nacional Soares dos Reis. Porto.pt.

tações da história do Brasil presentes nos livros didáticos escolares brasileiros, no que tange o período da colonização portuguesa. Restauros realiza uma releitura que traz para o presente, acompanhada de tijolos de restauro de edificações históricas feitos à mão em Montemor-o-Novo, personagens contemporâneas, delineadas pelas práticas coloniais dos séculos 16 a 18. Revivi o capitão do mato na pele de policiais, a ama de leite na pele de empregadas domésticas, e expus como ainda no Brasil se mantêm práticas que remetem ao sacrifício de homens negros em praça pública, e a subalternização da mulher negra em ambiente doméstico. Conduzem Restauros notícias jornalísticas atuais gravadas sobre folhas de metal, e notícias inventadas sobre folhas de poliuretano em clichés outrora usados para impressão em série de notícias da imprensa escrita. Acrescem-se a esta polifonia quatro vídeos atuantes neste cruzamento de mundos. Carlos Doethiró Tukano, indígena da etnia Tukano reflete sobre sua cultura, tradicionalmente oral, sentado à mesa da mais antiga biblioteca em terras brasileiras, dedicada exclusivamente a conteúdo português – o Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro. Um repentista inventa uma história do mundo encomendada a partir dos personagens capitão do mato, ama de leite, o indígena, o branco, o nordestino. Uma boca assovia num apito indígena buscando reproduzir o som do pássaro nomeado capitão do mato. Uma mulher negra, Tia Lúcia, ícone cultural da região chamada Pequena África, no centro do Rio de Janeiro, onde foi despejada a maior



Orun, 2019-2020. Instalação audiovisual em 62 canais.  
Vista de exposição sesc Carmo – São Paulo.

quantidade de africanos escravizados do mundo colonial, conta num lorubá reinado sobre o céu, sobre o monstro do mar que desviava embarcações, e sobre as ilhas invisíveis para onde nadavam negros fugitivos, em pleno manuseio da invenção de seu mundo e do de seus ancestrais. Pedras litográficas postas no piso distribuem imagens que remetem a idéia-capitão do mato: o policial, o caçador de animais selvagens comerciante de peles, o padre que tenta catequizar a onça, o antropólogo contemporâneo que retrata o indígena sob seu olhar informado e crítico à própria prática, mas inevitavelmente branco<sup>5</sup>, a imagem jornalística aérea da área desmatada para ocupação de mais uma hidrelétrica, posta ao lado da área que ocupa uma aldeia isolada na mesma região, o cordel que conta a história do capitão do mato, o anúncio colonial de 'Procura-se negro fugido' e oferece recompensa, o pássaro, a flor.

Restauros mostra tantas versões que embaralha a compreensão de realidade, pois rejeita a construção de um mundo estável. Aponta para a recriação de mundo a partir de cacos. Cacos daqueles mesmos azulejos, das imagens e versões da narrativa histórica hegemônica, que ainda hoje através dos livros escolares informam jovens brasileiros sobre suas etnias, valores, e lugares na sociedade, cacos de azulejos que foram pisoteados em Lisboa, durante a exposição na Sala Azul do Palácio de Pombal durante 3 meses.



Carregadoras ps01, 2019 . Impressão com pigmento mineral sobre papel  
hahnemühle photo rag 308 g/m<sup>2</sup> – 130 x 87 cm.

No mesmo sentido de revisão e reconstrução de mundo através de narrativas, Orun<sup>6</sup> parte de extensa pesquisa, mapeamento, cartografia, desenvolvimento de redes, deslocamentos, captação documental em vídeo, edição, e se realiza em instalação audiovisual na forma de um céu escuro estrelado. O céu escuro como patrimônio da humanidade, pois raro por ação das luzes das cidades. Orun é a palavra lorubá que designa um espaço complexo, indescritível em sua totalidade, que podemos aproximar duma compreensão de céu. Orun expõe 62 falas em vídeo a respeito de concepção ou experiência de céu. Em sala escura, com áudios abertos que se sobrepõem no espaço, Orun é capaz de conduzir uma massa sonora poderosa que traz ao espaço expositivo as presenças daqueles falantes – brasileiros todos, brancos, negros e indígenas – ao mesmo tempo que possibilita por aproximação a compreensão de cada fala, ainda que muitas tenham sido mostradas apenas em suas línguas tradicionais<sup>7</sup>. A compreensão de céu, esse incomensurável que todas as pessoas neste planeta vivenciam, possibilita-nos a indicação de algo que relaciona a todos, ainda que modus-vivendi s e paisagens geográficas que encaminhem cada percepção do firmamento sejam radicalmente diversos. A urbe, o campo, a floresta, o sertão, o pantanal, o mar convivem em Orun, onde convivem nos extremos relações de reverência do homem diante do universo e a presunção humana de manipulação do planeta do qual é parte, talvez e provavelmente descartável.

Em Carregadoras, série fotográfica em andamento, invento imagens ficcionais que veiculam a mulher como aquela que carrega, que suporta, que movimenta mundo. Estas mulheres, muitas porém a mesma, carregam desde víveres, até uma criança em seus ventre. Parto da imagem das negras-livres ou negras-de-tabuleiro, africanas ou descendentes diretas de africanas escravizadas que, uma vez livres, atuam como vendedoras de víveres, frutas, raízes, muito representadas na gravuras de Jean Baptiste Debret – entre outros pintores estrangeiros que ilustraram o Brasil colonial através de seus pontos de vista um tanto romantizados. Em seus tabuleiros, para além do visível, essas mulheres transportavam mensagens e valores, uma vez que suas atividades previam o cruzar de fronteiras. Assim, além de atuantes na economia colonial, ocupavam lugar de destaque no escambo de idéias<sup>8</sup>. As imagens que invento não propõem reviver esta personagem apenas<sup>9</sup>, mas discutem o papel da mulher que carrega vida, ancestralidade, ideias, sonhos revolucionários, na contemporaneidade, talvez remembering o que podemos vislumbrar das chamadas sociedades matricentradas pré-históricas. Uma reconstrução da imagem feminina atuante na reinvenção coletiva de si.

---

<sup>1</sup> Escrita de auto-paisagem . tese defendida em 2014 pelo PPGAV EBAUFRJ

<sup>2</sup> Intervenção artística realizada em 2017 em três salas do Museu Nacional de Soares dos Reis e exposição individual paralela na Quase Galeria, Porto PT.

<sup>3</sup> Termo que defendo em tese (IDEM) como disparador de reflexão e ação.

<sup>4</sup> Instalação realizada em 2015 no Carpe Diem Arte e Pesquisa, em Lisboa.

<sup>5</sup> Apreendi com Carlos Doethiró Tukano que para o indígena qualquer não índio é homem branco.

<sup>6</sup> Exposto nas instituições culturais SESC SP em 2020 e OI Futuro RJ em 2019, atualmente se redesenha para uma experiência de realidade virtual.

<sup>7</sup> Atualmente mais de 160 línguas são faladas no território brasileiro.

<sup>8</sup> Alguns historiadores contemporâneos se dedicam a resgatar a importância desta personagem, invisibilizada pela narrativa histórica oficial. Esta pesquisa está em andamento.

<sup>9</sup> Minha pesquisa para Carregadoras também revive outras mulheres, como as retirantes, que carregavam sua família e todos os seus pertences pelo sertão brasileiro em fuga da seca e busca de condições de vida, ou como mulheres indígenas xinguanas, que até hoje são majoritariamente as responsáveis por coletar e transportar a mandioca, fonte primária de alimentação de seu povo, entre outras.



PAULA SCAMPARINI – (Araras, SP-1980) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Produz a partir do uso propositivo do conceito ecologia, criando ecossistemas a partir de ativação de encontros em diferentes contextos. Tem se dedicado a projetos que lançam luzes sobre temas tão pessoais quanto urgentes, tais quais a identidade brasileira e o feminino. Vem realizando projetos em diferentes países através de convites a participação em residências e exposições. Das exposições individuais destacam-se: SESC Carmo (SP, 2020) / Centro Cultural Oi Futuro (RJ, 2019) / MAG3 Kunstraum (Viena, Áustria, 2018) / Galeria Aura (SP, 2018) / Museu Nacional de Soares dos Reis e Quase Galeria (Porto, Portugal, 2017) / GPL Contemporary Space IV (Viena, Áustria, 2015) / Galeria IBEU (RJ, 2015) / GEDOK Munchen (Munique, Alemanha, 2014) / Casa de Cultura da América Latina (DF, 2014). Das exposições coletivas destacam-se: Museo de Arte Moderno Jesus Soto (Ciudad Bolívar, Venezuela, 2019) / Fundação Vera Chaves Barcellos (Viamão, RS, 2018) / Projeto A MESA (RJ, 2016) / Carpe Diem Arte e Pesquisa (Lisboa, Portugal, 2015) / Rathaus Galerie Munchen (Munique, Alemanha, 2015) / Kunsterhaus Wien (Viena, Áustria, 2014) / Fuorifestival (Pesaro, Itália, 2015) / 17a Bienal de Cerveira (Vila Nova de

Cerveira, Portugal, 2014) / Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (RJ, 2012) / Parque das Ruínas (RJ, 2011) e em galerias Galeria Zielinsky (Barcelona, Espanha, 2021) / Galeria Athena Contemporânea (RJ, 2017) / Galeria Blau Projects (SP, 2016) / Galeria Por Amor a Arte (Porto, Portugal, 2012). Realizou residências em: Centro Atlântico de Arte Moderno (Gran Canária, 2018) / Tonspur Q21 Museum Quartier (Viena, Áustria, 2018) / Quase Galeria (Portugal, 2017) / Oficinas do Convento (Portugal, 2016) / Carpe Diem Arte e Pesquisa (Portugal, 2015) / GEDOK Munchen (Alemanha, 2014) / La CourDieu (França, 2012) / Bienal de Cerveira (Portugal, 2011). Possui obras nas coleções institucionais: Obras em coleções institucionais Museu de Arte Moderna MAM (Rio de Janeiro) / Fundação Vera Chaves Barcellos (Viamão, RS) / Fundação Bienal de Cerveira (Vila Nova de Cerveira, Portugal) / Carpe Diem Arte e Pesquisa (Lisboa, Portugal) / GEDOK Munchen (Munique, Alemanha) / LaCourDieu (La Roche-en-Brenil, França) / Galeria IBEU (Rio de Janeiro) / Biblioteca José de Alencar (RJ). Graduada em Artes Visuais (Unicamp), Mestre e Doutora (UFRJ). Atualmente é professora na Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.